



Revista Brasileira de Educação

ISSN: 1413-2478

rbe@anped.org.br

Associação Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Educação
Brasil

Vieira Ferreira, Márcia Ondina; Lima Nunes, Geogina Helena; Völz Klumb, Márcia Cristiane
As temáticas gênero e sexualidades nas reuniões da ANPEd de 2000 a 2006
Revista Brasileira de Educação, vol. 18, núm. 55, outubro-diciembre, 2013, pp. 899-920
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27529319006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

As temáticas gênero e sexualidades nas reuniões da ANPEd de 2000 a 2006*

MÁRCIA ONDINA VIEIRA FERREIRA

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

GEORGINA HELENA LIMA NUNES

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

MÁRCIA CRISTIANE VÖLZ KLUMB

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

APRESENTANDO O ESTUDO

Neste texto indicamos características gerais da produção sobre gênero e sexualidades apresentada durante reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), especialmente entre os anos 2000 e 2006 (da 23ª à 29ª Reunião). Os dados discutidos aqui são provenientes de um estudo que, além de sistematizar detalhes dessa produção no transcorrer do tempo, fez análise

* Versão ampliada de trabalho apresentado na 33ª Reunião Anual da ANPEd, em 2010, no Grupo de Trabalho Gênero, Sexualidade e Educação (GT23). A pesquisa da qual se originou este texto contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a forma de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Auxílio Financeiro e Bolsa de Iniciação Científica. Agradecemos a colaboração das seguintes pessoas, que em diversos momentos e com diferentes tarefas colaboraram para a realização da pesquisa: Adelita Campos Araújo; Ana Maria Vieira dos Santos; Diana Lusa; Jenice Tasqueto de Mello; Natália Coimbra Conceição; e Yomara Bispo da Costa Dalé.

de textos que tratavam das relações intraescolares como espaço para “re-produção” do gênero e das sexualidades.

Nesse sentido, nosso objetivo geral foi realizar um mapeamento dos trabalhos de pesquisa apresentados na ANPEd que se ocuparam dos temas “relações de gênero” e “sexualidades”. Em termos específicos, pretendíamos: a) conhecer quais temáticas vinham sendo abordadas; b) identificar os Grupos de Trabalho (GTs) da ANPEd que receberam os estudos apresentados; c) identificar as instituições/programas de pós-graduação responsáveis pela produção, bem com a produção que recebeu financiamento de agências; d) identificar o sexo das/os autoras/es da produção; e) examinar a abrangência do uso que se faz das relações de gênero como ferramenta de análise, isto é, se as relações de gênero apareciam como categoria principal ou secundária na análise; f) discriminar e realizar uma análise de conteúdo entre os trabalhos apresentados que abordaram os referidos temas no plano de sua produção no cotidiano da instituição educacional.

No recorte que ora apresentamos, a intenção é nos centrar nos resultados mais propriamente quantitativos e/ou descritivos da pesquisa. Dessa forma, cabe dizer que o trabalho foi realizado em três etapas. Primeiramente, à guisa de estudo-piloto, relacionamos os trabalhos encontrados anteriormente à publicação total dos textos na página *web* da associação.¹ Em seguida, catalogamos os textos coletados diretamente na referida página, em outras duas etapas: entre 2000 e 2003 (da 23ª à 26ª Reunião) e de 2004 até 2006 (da 27ª à 29ª Reunião). Tal divisão foi feita em virtude do surgimento, em 2004, de um grupo exclusivamente dirigido a relações de gênero e sexualidades (o atual GT23), o que nos conduziu a repartir a coleta, sob a hipótese de que seriam encontradas diferenças, tanto de ordem quantitativa quanto qualitativa.

Para a catalogação 2000-2006, examinamos todos os textos publicados na página da ANPEd em cada reunião, isto é, procuramos entre as categorias de trabalhos encomendados, minicursos, sessões especiais, sessões conversas, colóquios ANPEd/Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), trabalhos e pôsteres apresentados (e excedentes) nos GTs e nos Grupos de Estudo (GEs), aqueles que relatassem investigações cujos objetos fossem o gênero e/ou as sexualidades. Para que se tenha uma ideia do que será exposto adiante, examinamos 1.518 trabalhos apresentados da 23ª à 26ª reunião, e 1.542 no que tange a apresentações da 27ª à 29ª reunião.

Com base no título de cada trabalho, realizamos uma leitura para conferir se o assunto principal do texto se encaixava no objeto de nossa investigação. No momento em que um texto era selecionado, seus dados eram inseridos em um quadro com as seguintes informações: ano, data, número e tema da reunião, local de realização, GT, tipo de trabalho, natureza da pesquisa, financiamento, título, palavras-chave, autor/a, sexo, instituição do/a autor/a, resumo/objeto do trabalho, fonte da

1 <www.anped.org.br>.

informação coletada, observações. Por “natureza da pesquisa” compreendemos se o trabalho era resultado de dissertação, de tese ou de outro tipo de pesquisa – dado esse nem sempre disponível. O item “financiamento” só esteve totalmente disponível a partir de 2003 (26ª Reunião). As palavras-chave e os resumos foram por nós elaborados, visto só estarem contidos nas informações acessíveis via internet da 29ª Reunião (2006) em diante.

Outros elementos considerados no processo de seleção dos trabalhos poderão ser mais bem compreendidos a partir da seção seguinte.

ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE DADOS: GÊNERO E SEXUALIDADES COMO OBJETO DE ESTUDO

A teoria social sobre gênero e sexualidades desenvolveu-se bastante em nosso país de 1980 para cá. Na área da educação isso não foi diferente, tendo sido elaborados vários estados da arte² que tinham por pretensão conhecer as tendências gerais da produção a respeito. Selecionamos para nosso embasamento alguns desses balanços, tomando como critério a sua abrangência cronológica, ou seja, mapeamentos realizados sobre períodos diferentes, abordando cerca de três décadas de produção. Isso nos conduziu a perceber que tanto os focos dessa produção quanto os próprios balanços partiam da condição da mulher, encaminhando-se para as relações de gênero.

Os balanços examinados tiveram como *corpus* documental dissertações e teses encontradas em bibliotecas do estado de São Paulo (Bruschini; Amado, 1988); a revista *Cadernos de Pesquisa* (Rosemberg; Amado, 1992); dissertações e teses dos programas de pós-graduação em educação (Gonçalves; Silva, 1998; Vianna, 2001); a base de teses e dissertações de programas de educação/ANPEd no período 1981-1998, o diretório de pesquisadores/as *Quem pesquisa o quê em educação: 1998*, e as revistas *Educação & Realidade*, *Cadernos de Pesquisa*, *Educação e Pesquisa*, *Caderno Espaço Feminino*, *Cadernos Pagu* e *Estudos Feministas* (Rosemberg, 2001).

Quanto ao seu conteúdo, ou seja, quanto ao tema que buscavam na literatura examinada, o primeiro desses balanços estava centrado no magistério primário como carreira feminina; o segundo e o terceiro, genericamente no tema mulher e educação; o quarto trabalho dirigiu-se a pesquisar os estudos sobre ação coletiva do professorado e as relações de gênero, enquanto o último abordou “a produção acadêmica contemporânea brasileira sobre educação e gênero (ou mulheres)” (*idem*, p. 47).

Embora seja perceptível que no transcorrer do tempo as análises envolvendo gênero e educação vieram crescendo, existem características recorrentes identificadas nesses estados da arte, algumas delas expressando os limites de produção: autoria predominantemente feminina; centralização da produção nas regiões Sudeste e Sul,

2 Chamados também de estado do conhecimento, “consistem num balanço do conhecimento, baseado na análise comparativa de vários trabalhos, sobre uma determinada temática” (André *et al.*, 1999, p. 308).

mais intensamente em algumas instituições das mesmas regiões; maior quantidade de trabalhos identificados sob a palavra-chave “mulher”, com menor presença dos descritores “relações de gênero” ou “gênero” e “homem”. Podemos falar também do caráter disperso da produção, que versa sobre temáticas muito variadas enquanto deixa descobertas outras pertinentes para a agenda educativa, e da presença muito pequena de artigos sobre educação nas revistas feministas e de artigos sobre gênero nas revistas educacionais.

Com os estados da arte citados, tivemos curiosidade de examinar a produção da ANPED, selecionada em virtude de ser a mais importante organização de pesquisa em educação no país. Um aspecto que gostaríamos de realçar pelo percebido nos estados da arte é sobre em que medida o conjunto da produção avaliada pode ser circunstanciado na categoria de estudos de gênero. Em nossa experiência, o processo árduo e cotidiano de afunilamento do estudo, articulado a um amadurecimento de referencial teórico, levou-nos a tomar algumas decisões para inclusão dos textos (posto que também não havia descritores nos textos disponibilizados na página da ANPED no período examinado). Mas vamos explicar nossas decisões de forma mais paulatina.

Genérica e amplamente falando, consideramos que a maioria dos trabalhos que envolviam história das mulheres, relações de gênero e investigação da sexualidade humana tiveram a mesma problemática social como ponto de partida: as persistentes desigualdades entre homens e mulheres. Apesar disso, é possível identificar atualmente várias perspectivas teórico-metodológicas, sendo que certas investigações poderiam ser, por alguns/mas, incluídas na categoria de estudos de gênero, enquanto outros/as poderiam não concordar com essa inclusão.

Sobre isso, Scott (1995) assinala que estudos de gênero usariam a categoria gênero como ferramenta primária de análise, com valor semelhante a outras categorias/ferramentas, como classe e raça/etnia. Assim, a autora identifica dois tipos de abordagens que valorizam diferentemente o gênero:

A primeira é essencialmente descritiva; quer dizer, ela se refere à existência de fenômenos ou de realidades, sem interpretar [...]. O segundo uso é de ordem causal e teoriza sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando compreender como e porque eles tomam as formas que têm. (*idem*, p. 74-75)

Consequentemente, a autora define gênero afirmando ser ele “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (*idem*, p. 86). O gênero, assim, nos permitiria melhor compreender os fenômenos sociais, porque as noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade explicam as relações de poder nas sociedades tanto ou mais que outras categorias analíticas.

Baseadas nessa referência, percebemos que muitos dos trabalhos lidos apenas estudavam a situação das mulheres, especialmente trabalhando com a descrição da história de/das mulheres. Em alguns deles não ficava claro o quanto o objeto estudado poderia colaborar na compreensão das relações de

gênero na sociedade, especialmente se levarmos em conta a ideia de que qualquer informação sobre as mulheres é informação, igualmente, acerca dos homens, e vice-versa (*idem*).

De toda forma, pensamos que um critério amplo de inclusão seria adequado, ao menos numa primeira versão do estudo, tentando, por um lado, não descaracterizar nosso enfoque e, por outro, não cercear as compreensões apresentadas por autoras e autores. Essa seria também uma forma de respeitar a história da produção acadêmica a respeito do gênero, a trajetória que essa construção tomou na área da educação em nosso país.

Nesse sentido, selecionamos tanto textos que usavam, em nosso entender, o gênero como ferramenta primária de análise quanto outros que o usavam como ferramenta secundária, isto é, quando houve incorporação de algum aspecto relativo a gênero, embora o objeto primeiro não fosse esse ou essa variável tivesse adquirido visibilidade somente no transcorrer do trabalho de campo. Entretanto, descartamos trabalhos que apenas faziam uso de linguagem não sexista, numa abordagem “politicamente correta”, mas sem análise alguma relativa a gênero.

Por fim, precisamos esclarecer por que o tema “sexualidades” – entendido como as maneiras pelas quais os indivíduos vivenciam seus prazeres sexuais (Weeks, 2001) – foi incluído em nossa investigação. Compreendemos que gênero e sexualidade são constructos inseparáveis na conformação das identidades individuais (Louro, 2000; Seffner, 2006), além de ambos igualmente expressarem relações de poder ao referirem-se a padrões de comportamento menos ou mais aceitos socialmente, de tal maneira que nos pareceu adequado não isolá-los no processo de pesquisa.

Do ponto de vista operacional, esquadrimos os textos no resgate de algumas temáticas que muitas vezes se encontram articuladas ou justapostas: o lugar das mulheres e dos homens na educação; a educação como produtora de homens e/ou mulheres; o lugar das sexualidades na educação; e a educação como produtora de sexualidades. Enfim, nosso critério de inclusão foi vasto: tomamos textos cujos objetos eram temáticas que ajudavam a elucidar os processos de desigualdade ou de diferenciação provenientes do fato de ser mulher ou homem em nossas sociedades.

ALGUNS RESULTADOS

Em relação às características da produção, algumas das variáveis que pretendíamos levantar quando mapeamos os trabalhos e os inserimos em quadros descritivos não puderam ser quantificadas em razão da fragilidade das informações. Por exemplo, como já observado, é somente a partir da 26ª Reunião (2003) que o item “financiamento” passa a aparecer obrigatoriamente nos cabeçalhos dos textos. Nem sempre, pela leitura dos trabalhos, obtivemos essa informação, assim como nem todos explicitavam se o texto apresentava resultados de dissertação, tese ou outro tipo de pesquisa.

Também as palavras-chave e os resumos somente passaram a ser acessíveis a partir da 29ª Reunião, em 2006, último ano de nossa coleta. Igualmente quanto à instituição do/a pesquisador/a, a dificuldade apresentada adveio do fato de que não constava em todos os trabalhos, de forma explícita, se a filiação era profissional ou se a instituição era meramente local de realização de estudos de pós-graduação. Às vezes também eram indicadas duas instituições, sem maiores explicações. Quanto ao tipo de trabalho, a categoria “trabalho aceito excedente” – ou seja, aprovado por mérito, mas não classificado para apresentação –, segundo a secretaria da ANPED, só passou a existir a partir da 27ª Reunião (2004).³

Não obstante as limitações encontradas, várias outras características puderam ser arroladas; e é sobre elas que nos debruçaremos a seguir.

PRIMEIRA ETAPA DA INVESTIGAÇÃO

A catalogação dos trabalhos apresentados nas reuniões da ANPED com data anterior ao ano 2000 foi introduzida unicamente com a intenção de procurar alguma regularidade na produção sobre nossos temas-objeto, considerando ser impossível realizar uma coleta de dados exaustiva.

Por um lado, não tínhamos disponíveis muitos boletins antigos da ANPED nos quais pudéssemos encontrar as informações necessárias; por outro, mesmo nesses as informações eram precárias, pois em muito anos nem ao menos os resumos dos trabalhos eram publicados nos boletins que abordavam a programação das reuniões, o que nos obrigou, em alguns casos, a decidir pela inclusão de textos exclusivamente por seu título. Igualmente, a nomenclatura dos GTs sofreu várias modificações no transcorrer dos anos,⁴ e nem sempre foi possível acompanhá-las. Nesse sentido, gostaríamos de assinalar que estamos cientes do caráter parcial das informações obtidas, mas indicamos que essa parte do estudo fez as vezes de um projeto-piloto, colaborando no paulatino estabelecimento de alguns procedimentos de investigação.

Objetivamente, catalogamos informações da 13ª Reunião, realizada no ano de 1990, em Belo Horizonte, até a 22ª, ocorrida em 1999, em Caxambu,

3 Informação prestada por mensagem eletrônica em setembro de 2008. Ainda assim, consultando o *site* da ANPED, já na 25ª Reunião (2002), encontram-se separados os “trabalhos e pôsteres” dos “trabalhos aceitos”; em nosso entender, esses últimos poderiam ser os trabalhos excedentes.

4 Alguns exemplos: o grupo Educação e Movimentos Sociais no Campo mudou de nome para Movimentos Sociais e Educação (atualmente é denominado Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos); o grupo Licenciatura mudou para Formação de Professores; Política do Ensino de 1º Grau transformou-se em Educação Fundamental. Já o grupo Sociedade e Educação na América Latina não aparece mais a partir do ano de 1993.

fazendo uso de boletins⁵ e do CD-ROM “25 anos da ANPEd”.⁶ Para ficar mais claro, antes de tudo vale informar que a ANPEd, cuja primeira reunião deu-se em 1978, organizou-se sob forma de GTs apenas em 1981, na 4ª Reunião Anual. Antes disso, a associação realizava suas reuniões em torno de temas que eram objeto de discussão nos programas de pós-graduação.

Quanto aos resultados da análise, não podemos nos referir à porcentagem de trabalhos sobre as temáticas gênero e sexualidades em relação a toda a produção da ANPEd no período indicado, pois não temos, nesse caso, a totalização de dados. Mas podemos sim evidenciar a preeminência do grupo História da Educação (GT02), que contabiliza 29,8% dos trabalhos encontrados entre 1990 e 1999. Em seguida, destacam-se o grupo Educação Popular (GT06), com 9,6% dos trabalhos, e os grupos Movimentos Sociais e Educação (GT03) e Currículo (GT12), com 8,5% dos trabalhos cada um.

No que tange ao GT02, os títulos, resumos e textos completos que encontramos apresentavam como principais temáticas a constituição da docência como trabalho feminino, a produção escolar da feminilidade e da masculinidade e a história de mulheres educadoras. No GT03 nos deparamos com trabalhos a respeito da presença de mulheres nos movimentos sociais e/ou análises que usavam gênero para entender facetas dos movimentos sociais. Alguns dos temas abordados no GT06 foram gênero e desigualdades sociais, educação sexual e AIDS e interferência das análises de gênero no estudo dos movimentos sociais e da educação popular. E no GT12 destacaram-se alguns trabalhos sobre currículo e gênero e/ou sexualidades.

Por fim, foi possível perceber também um aumento do número de textos sobre as temáticas gênero e sexualidades – ou, melhor dizendo, que guardavam alguma relação com elas – à medida que avançava o tempo. Para isso podem ter contribuído a criação e/ou a consolidação de novos grupos; mas essa é meramente uma hipótese, pois as fontes não apresentam informação suficiente quanto a isso. De toda forma, o que chama a atenção é que o GT02 expressa, com força, a presença de estudos de gênero, pelo menos considerando a noção ampla que esse termo vem assumindo neste trabalho.

5 Os boletins nos quais encontramos informações em relação a possíveis textos versando sobre gênero e/ou sexualidades foram: *Boletim ANPEd*, n. 1-2, jan./dez. 1990 (13ª Reunião, 15 a 19 out. 1990), Belo Horizonte, UFMG; *Boletim ANPEd*, n. 1-2, jan./dez. 1991 (14ª Reunião, 1 a 3 set. 1991), São Paulo, USP; *Boletim ANPEd*, n. 1, set. 1992 (15ª Reunião, 13 a 17 set. 1992), Caxambu, Hotel Glória; *Boletim ANPEd*, n. 1, set. 1993 (16ª Reunião, 12 a 16 set. 1993), Caxambu, Hotel Glória; *Boletim ANPEd*, n. 1, out. 1994 (17ª Reunião, 23 a 27 out. 1994), Caxambu, Hotel Glória; *Boletim ANPEd*, n. 1, set. 1995 (18ª Reunião, 17 a 21 set. 1995), Caxambu, Hotel Glória.

6 Esse CD-ROM traz informações sobre a memória dos 25 anos da ANPEd, desde 1978 até 2001 (24ª Reunião), disponibilizando um bom número de textos desde a 18ª Reunião (1995) e trazendo informações gerais a partir da 9ª Reunião (1986).

SEGUNDA E TERCEIRA ETAPAS DA INVESTIGAÇÃO

A partir do ano 2000, a publicação dos textos via internet possibilitou uma contagem mais precisa dos materiais analisados. É isso o que veremos a seguir, lembrando que as duas etapas referem-se às reuniões efetivadas entre 2000 e 2006, separadas pela criação do grupo Gênero, Sexualidade e Educação (GT23) (2000-2003 e 2004-2006).

Principais números da produção e expressão por GTs

Quanto ao montante de trabalhos selecionados, tal como já indicamos, manuseamos um número de textos na ordem de 1.518 no período anterior à criação do GT23, e de 1.542 no que tange às reuniões de 2004 a 2006. No primeiro período citado, foi encontrado um total de 62 trabalhos tratando de gênero e/ou sexualidades, o que corresponde a 4,1% da produção dos quatro anos referidos. No período seguinte, esse número chega a 95 textos (6,1%), sendo que 55 trabalhos foram apresentados no GT23 e 40 trabalhos em todos os demais GTs e/ou outras instâncias do evento.

Tabela 1 - Número total de trabalhos *versus* número de trabalhos com temáticas relacionadas a gênero e/ou sexualidades por GT – 23ª a 26ª Reunião da ANPED (2000-2003)

GT ¹	23ª Reunião (2000)		24ª Reunião (2001)		25ª Reunião (2002)		26ª Reunião (2003)	
	Total	Gênero/ Sexualidades	Total	Gênero/ Sexualidades	Total	Gênero/ Sexualidades	Total	Gênero/ Sexualidades
02	28	6	18	4	22	1	17	5
03	9	2	12	0	20	1	11	1
04	20	0	24	0	14	0	15	0
05	25	0	24	0	25	0	24	0
06	17	1	15	1	24	3	18	1
07	20	1	21	3	22	2	10	0
08	18	0	29	2	24	0	19	0
09	14	0	21	0	19	0	19	0
10	15	0	16	0	21	1	13	0
11	17	0	17	0	20	0	20	0
12	19	0	26	0	20	0	17	2
13	18	1	26	3	16	1	20	0
14	13	1	13	1	11	0	10	1
15	16	0	20	1	9	0	20	0
16	21	0	20	3	26	2	24	1
17	8	0	10	0	10	0	18	0
18	21	2	17	0	24	1	11	0
19	21	0	16	0	22	0	13	0

(continua...)

(...continuação)

GT ¹	23ª Reunião (2000)		24ª Reunião (2001)		25ª Reunião (2002)		26ª Reunião (2003)	
	Total	Gênero/ Sexualidades	Total	Gênero/ Sexualidades	Total	Gênero/ Sexualidades	Total	Gênero/ Sexualidades
20	16	0	18	0	13	0	20	1
21 ²		–		–	14	3	12	1
22 ³		–		–		–	15	0
Sessão Especial	19	0	9	1	9	0	15	0
Trabalho Encomendado	14	0	12	1	10	0	9	0
Total	369	14 (3,8%)	384	20 (5,2%)	395	15 (3,8%)	370	13 (3,5%)

¹ Nome dos GTs: História da Educação (GT02); Movimentos Sociais e Educação (GT03); Didática (GT04); Estado e Política Educacional (GT05); Educação Popular (GT06); Educação de Crianças de 0 a 6 anos (GT07); Formação de Professores (GT08); Trabalho e Educação (GT09); Alfabetização, Leitura e Escrita (GT10); Política da Educação Superior (GT11); Currículo (GT12); Educação Fundamental (GT13); Sociologia da Educação (GT14); Educação Especial (GT15); Educação e Comunicação (GT16); Filosofia da Educação (GT17); Educação de Pessoas Jovens e Adultas (GT18); Educação Matemática (GT19); Psicologia da Educação (GT20). Posteriormente foram criados os seguintes grupos: Afro-Brasileiros e Educação (GT21); Educação Ambiental (GT22).

² Grupo criado a partir da 25ª Reunião (atualmente denominado Educação e Relações Étnico-Raciais). O sinal “–” aponta a inexistência do grupo nos anos indicados.

³ Grupo criado a partir da 26ª Reunião. O sinal “–” aponta a inexistência do grupo nos anos indicados.

Fonte: Dados coletados na página da ANPED (www.anped.org.br).

Elaboração das autoras.

Tabela 2 - Número total de trabalhos *versus* número de trabalhos com temáticas relacionadas a gênero e/ou sexualidades por GT – 27ª a 29ª Reunião da ANPED (2004-2006)

GT ¹	27ª Reunião (2004)		28ª Reunião (2005)		29ª Reunião (2006)	
	Total	Gênero/ Sexualidades	Total	Gênero/ Sexualidades	Total	Gênero/ Sexualidades
02	20	3	28	2	14	0
03	18	2	28	3	12	1
04	16	0	19	0	15	0
05	27	0	20	0	21	0
06	15	0	31	1	18	1
07	15	0	29	1	26	3
08	28	0	56	3	43	1
09	21	1	27	0	18	2
10	15	1	25	0	12	0
11	16	0	19	0	14	0
12	15	0	28	0	17	0
13	20	0	25	0	19	0
14	13	1	12	2	21	0
15	13	0	24	0	12	0

(continua...)

(...continuação)

GT ¹	27ª Reunião (2004)		28ª Reunião (2005)		29ª Reunião (2006)	
	Total	Gênero/ Sexualidades	Total	Gênero/ Sexualidades	Total	Gênero/ Sexualidades
16	19	0	30	0	19	0
17	10	0	26	0	22	0
18	13	0	27	0	16	0
19	16	0	25	0	21	0
20	16	0	31	0	14	1
21	15	1	34	0	14	2
22	14	0	15	0	16	0
Sessão Especial	16	0	17	1	16	1
Trabalho Encomendado	20	1	-- ²	--	12	1
Intercâmbio ou Sessões Conversas	0	0	15	1	16	1
Minicurso	24	0	23	1	22	1
Colóquio ANPEd/CLACSO	4	0	4	0	0	0
Subtotal	419	10	618	15	450	15
		2,4%		2,4%		3,3%
23	18	18	21	21	16	16
Total	437	28 6,4%	639	36 5,6%	466	31 6,7%

¹ Nome dos GTs: História da Educação (GT02); Movimentos Sociais e Educação (GT03); Didática (GT04); Estado e Política Educacional (GT05); Educação Popular (GT06); Educação de Crianças de 0 a 6 anos (GT07); Formação de Professores (GT08); Trabalho e Educação (GT09); Alfabetização, Leitura e Escrita (GT10); Política da Educação Superior (GT11); Currículo (GT12); Educação Fundamental (GT13); Sociologia da Educação (GT14); Educação Especial (GT15); Educação e Comunicação (GT16); Filosofia da Educação (GT17); Educação de Pessoas Jovens e Adultas (GT18); Educação Matemática (GT19); Psicologia da Educação (GT20); Afro-Brasileiros e Educação (GT21); Educação Ambiental (GT22); Gênero, Sexualidade e Educação (GT23).

² O sinal "--" aponta a inexistência de *link* para os textos.

Fonte: Dados coletados na página da ANPEd (www.anped.org.br).

Elaboração das autoras.

Mesmo que os números sejam baixos quando comparados ao conjunto da produção apresentada nas reuniões, percebemos certa regularidade na quantidade de trabalhos acerca das temáticas estudadas (recordemos que estão incluídos na contagem tanto trabalhos que tratam diretamente das temáticas quanto os que as usam apenas para uma parcela de sua análise). Além disso, comparando os dois períodos, há um aumento percentual na produção sobre gênero no período 2004-2006. Verificando a Tabela 3, podemos dizer que esse aumento é resultado da criação do GT23, havendo certa migração em sua direção. Porém, é perceptível também a existência de uma quantidade considerável de textos sobre o tema ainda sendo apresentada em outros GTs.

Tabela 3 - Trabalhos com temáticas relacionadas a gênero e/ou sexualidades por GT – 23ª a 29ª Reunião da ANPEd (2000-2006)

GT ¹	23ª (2000)	24ª (2001)	25ª (2002)	26ª (2003)	Sub- total	27ª (2004)	28ª (2005)	29ª (2006)	Sub- total
02	6	4	1	5	16	3	2	0	5
03	2	0	1	1	4	2	3	1	6
04	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06	1	1	3	1	6	0	1	1	2
07	1	3	2	0	6	0	1	3	4
08	0	2	0	0	2	0	3	1	4
09	0	0	0	0	0	1	0	2	3
10	0	0	1	0	1	1	0	0	1
11	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12	0	0	0	2	2	0	0	0	0
13	1	3	1	0	5	0	0	0	0
14	1	1	0	1	3	1	2	0	3
15	0	1	0	0	1	0	0	0	0
16	0	3	2	1	6	0	0	0	0
17	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18	2	0	1	0	3	0	0	0	0
19	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20	0	0	0	1	1	0	0	1	1
21 ²	--	--	3	1	4	1	0	2	3
22 ³	--	--	--	0	0	0	0	0	0
23 ⁴	--	--	--	--	--	18	21	16	55
Sessão Especial	0	1	0	0	1	0	1	1	2
Trabalho Encomendado	0	1	0	0	1	1	-- ⁶	1	2
Intercâmbio ou Sessões Conversas ⁵	--	--	--	--	--	0	1	1	2
Minicurso	0	0	0	0	0	0	1	1	2
Colóquio ANPEd/CLACSO	--	--	--	--	--	0	0	0	0
Total	14	20	15	13	62	28	36	31	95

¹ Nome dos GTs: História da Educação (GT02); Movimentos Sociais e Educação (GT03); Didática (GT04); Estado e Política Educacional (GT05); Educação Popular (GT06); Educação de Crianças de 0 a 6 anos (GT07); Formação de Professores (GT08); Trabalho e Educação (GT09); Alfabetização, Leitura e Escrita (GT10); Política da Educação Superior (GT11); Currículo (GT12); Educação Fundamental (GT13); Sociologia da Educação (GT14); Educação Especial (GT15); Educação e Comunicação (GT16); Filosofia da Educação (GT17); Educação de Pessoas Jovens e Adultas (GT18); Educação Matemática (GT19); Psicologia da Educação (GT20); Afro-Brasileiros e Educação (GT21); Educação Ambiental (GT22); Gênero, Sexualidade e Educação (GT23).

² Grupo criado a partir da 25ª Reunião. O sinal "--" aponta a inexistência do grupo nos anos indicados.

³ Grupo criado a partir da 26ª Reunião. O sinal "--" aponta a inexistência do grupo nos anos indicados.

⁴ Grupo criado a partir da 27ª Reunião. O sinal "--" aponta a inexistência do grupo nos anos indicados.

⁵ Intercâmbio ou Sessões Conversas. O sinal "--" aponta a inexistência da atividade nos anos indicados.

⁶ O sinal "--" aponta a inexistência de *link* para os textos.

Fonte: Dados coletados na página da ANPEd (www.anped.org.br).

Elaboração das autoras.

De fato, existem alguns grupos nos quais vieram sobressaindo os estudos acerca de nossos temas-objeto, especialmente o GT02 (História da Educação). Nas reuniões correspondentes ao período 2000–2003, 25,8% da produção sobre gênero deram-se no interior desse grupo (16 textos, num total de 62). Já na etapa seguinte (2004 a 2006), o grupo foi responsável apenas por 5 textos (que em relação ao total de 95 textos correspondem a 5,3%).

Na etapa 2000–2003, o GT06 (Educação Popular), o GT07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e o GT16 (Educação e Comunicação) tiveram todos 6 trabalhos, seguidos pelo GT13 (Educação Fundamental), com 5 trabalhos, e pelos GT03 (Movimentos Sociais e Educação) e GT21 (Afro-Brasileiros e Educação), com 4 textos cada. Desses, podemos destacar o GT06, por contar com trabalhos em cada um dos quatro anos examinados, e o GT21, com 4 trabalhos em apenas dois anos de existência. Já na seguinte etapa, os números caíram em todos os grupos citados, menos no GT Movimentos Sociais e Educação (GT03), que foi pelo caminho inverso ao ampliar o número de trabalhos de 4, nos primeiros quatro anos, para 6 nos três anos seguintes.

No que se refere ao GT02, pode-se explicar o grande número de trabalhos tendo em conta sua natureza, pois, entre seus temas, tem se dedicado a investigar a feminização do magistério ou a história de mulheres educadoras. Interpretação alternativa foi obtida por entrevista que realizamos com Guacira Lopes Louro,⁷ pesquisadora que teve grande participação no referido grupo, sendo também uma das fundadoras do GT23. Segundo a autora, na segunda metade dos anos de 1980, um grupo de mulheres participantes do GT02 estimulou a divulgação de estudos sobre mulher e educação. Mais tarde ingressaram nesse mesmo grupo investigadoras das relações entre docência e gênero. Louro pondera que a presença dessas mulheres possibilitou que o GT02 se constituísse “numa espécie de vertente de estudos que tratavam das questões de gênero” (conceito às vezes tomado restritamente como “mulheres”) e história da educação.

Outro comentário qualitativo pode ser feito ao examinarmos o conteúdo dos textos apresentados nos demais grupos mencionados: a maior parte dos trabalhos versa sobre a situação da mulher, seja ela a mulher negra e/ou a mulher professora (GT03, GT06, GT13 e GT21). Aborda-se também no GT07 e no GT16 a construção de gênero e/ou das sexualidades na escola e em outros espaços educativos.

Em contrapartida, notamos que a ANPEd como um todo passou a valorizar mais as questões de gênero e sexualidades no período posterior à criação do GT23. É suficiente ressaltar que as apresentações de trabalhos não vinculados exclusivamente a um grupo, mas às instâncias organizativas do evento ou a grupos em conjunto – como as sessões especiais, trabalhos encomendados,⁸ minicursos, sessões conversas, colóquio ANPEd/CLACSO –, aumentam consideravelmente de uma etapa a outra: de 2 (2000–2003) para 8 (2004–2006).

⁷ Depoimento oferecido por escrito em setembro de 2008.

⁸ Incluímos os trabalhos encomendados nessa categoria (e não com os GTs) por serem textos solicitados pelos grupos e não textos de demanda espontânea.

Sexo das/os pesquisadoras/es

No que se refere ao sexo de quem pesquisa, a maioria esmagadora é do sexo feminino,⁹ tal como já foi encontrado em outros estudos – aqui citamos especialmente Rosemberg (2001). No período 2000-2003, temos 54 trabalhos de autoria feminina, 5 de autoria masculina, com 2 trabalhos feitos em parceria por homens e mulheres (houve um trabalho sem identificação de autoria). Em 2004-2006, as cifras são de 78 trabalhos escritos por mulheres, 10 por homens e 7 de autoria conjunta. Entretanto, vale sublinhar que, embora permaneça a preponderância feminina em ambos os períodos, percebemos também um aumento significativo da presença masculina no último período.

Um dado interessante que deveria ser mais bem explorado futuramente é o relativo às temáticas abordadas por homens e mulheres. À simples vista, o que se vê é que pesquisadores homens têm preferido investigar sexualidades a relações de gênero.

Tabela 4 - Sexo das/os pesquisadoras/es com trabalhos com temáticas relacionadas a gênero e/ou sexualidades – 23ª a 26ª Reunião da ANPED (2000-2003) e 27ª a 29ª Reunião da ANPED (2004-2006)

Reunião	Feminino	Masculino	Feminino/ Masculino	Não consta
23ª	11	2	0	1
24ª	20	0	0	0
25ª	13	1	1	0
26ª	10	2	1	0
Subtotal	54	5	2	1
27ª	25	1	2	0
28ª	30	4	2	0
29ª	23	5	3	0
Subtotal	78	10	7	0
Total	132	15	9	1

Fonte: Dados coletados na página da ANPED (www.anped.org.br).
Elaboração das autoras.

Instituições de origem

Quanto às instituições nas quais foram produzidos os trabalhos, o que mais se destaca é a concentração da produção em estabelecimentos das regiões Sul e Sudeste, fato já anunciado por Gonçalves e Silva (1998) e Rosemberg (2001).

⁹ No caso de trabalhos resultantes de dissertação ou tese, é ocasional a indicação sobre quem orientou os trabalhos, por isso não pudemos computar o sexo das/os orientadoras/es nessa fonte.

Em seguida, a concentração torna-se maior se atentarmos para as instituições que tiveram trabalhos em mais de uma das reuniões; por fim, a concentração se reforça quando procuramos ver a origem dos trabalhos financiados (elemento que será discutido na próxima seção).

Tabela 5 - Número de trabalhos com temáticas relacionadas a gênero e/ou sexualidades por instituição – 23ª a 29ª Reunião da ANPED (2000-2006)¹

Regiões	Estado	Instituição	Número de Trabalhos	Total Região
Sul	RS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	18	50
		Centro Universitário FEEVALE (FEEVALE)	4	
		Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	4	
		Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	4	
		Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	2	
		Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)	2	
		Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)	2	
		Fundação Universidade do Rio Grande (FURG)	1	
		Secretaria Municipal de Educação/ Porto Alegre (SMED/POA)	1	
		Universidade de Ijuí (UNIJUÍ)	1	
	PR	Universidade Estadual de Maringá (UEM)	2	
		Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	1	
	SC	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	4	
		Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)	2	
		Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	1	
		Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)	1	
Sudeste	ES	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	1	84
	MG	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	6	
		Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas)	3	
		Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	3	
		Escola Municipal Francisco Magalhães Gomes (EMFMG)	1	
		Universidade FUMEC (FUMEC/BH)	1	
		Universidade Federal de Lavras (UFLA)	1	
		Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	1	
		Universidade Federal de Viçosa (UFV)	1	
		Universidade de Itaúna (UI)	1	
		Centro Universitário do Planalto de Araxá (UNIARAXÁ)	1	
		Centro Universitário Newton Paiva (UNICENTRO-BH)	1	

(continua...)

(...continuação)

Regiões	Estado	Instituição	Número de Trabalhos	Total Região
	RJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	9	
		Universidade Federal Fluminense (UFF)	4	
		Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	3	
		Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)	2	
		Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	2	
		Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP)	1	
		Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ)	1	
		Universidade Católica de Petrópolis (UCP)	1	
		Universidade Estácio de Sá (UNESA)	1	
		Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)	1	
	SP	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	12	
		Universidade de São Paulo (USP)	11	
		Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	3	
		Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	3	
		Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA)	2	
		Centro Universitário Moura Lacerda (CUML)	2	
		Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	2	
		Universidade Bandeirante (UNIBAN)	1	
		Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)	1	
		Universidade de Sorocaba (UNISO)	1	
Nordeste	BA	Universidade do Estado de Bahia (UNEB)	1	7
	PB	Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP)	1	
		Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	1	
		Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	1	
		Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ)	1	
	PI	Universidade Federal do Piauí (UFPI)	1	
Centro-Oeste	RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	1	6
	GO	Universidade Católica de Goiás (UCG)	1	
		Universidade Federal de Goiás (UFG)	1	
	MS	Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)	1	
	MT	Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	3	
Total				147

¹ Não foram incluídos aqui 10 trabalhos: 2 da 23ª Reunião, por ausência do nome das instituições; outros 2 trabalhos da 24ª Reunião, pelo mesmo motivo; mais 1 trabalho tendo em vista ser escrito em autoria por pessoas de instituições diferentes; 1 trabalho da 27ª Reunião; e 4 trabalhos da 28ª Reunião, por também serem redigidos por pessoas de diferentes instituições.

Fonte: Dados coletados na página da ANPED (www.anped.org.br).

Elaboração das autoras.

Olhando o conjunto das instituições, temos um universo grande de instituições indicadas nos sete anos examinados. Mas, se afunilarmos a busca para aquelas que se representam em mais de uma das reuniões, o caráter concentrado da produção delinea-se com clareza. Vejamos alguns exemplos: da região Sul, temos a UFRGS, que se destaca com 18 textos; UNISINOS, FEEVALE, UFPEL e UFSC, todas com 4 textos cada uma. Do Sudeste encontramos a UNESP (distintos *campi*) com 12 textos; USP com 11; UERJ com 9; UFMG com 6; e UFF com 4 textos.

Para efeitos de comparação, tomemos alguns resultados apresentados por Rosemberg (2001) no que se refere às universidades que mais produziram teses e/ou dissertações em programas filiados à ANPED sobre educação da mulher e relações de gênero em período anterior ao nosso (1981-1998). A autora indica, nesta ordem, a UFRGS, a UNICAMP, a PUC-SP, a USP, a UFMG, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), a UFF, a UFPB e a UFRJ, ou seja, há algumas universidades que apareceram em ambos os estudos, sugerindo a manutenção e/ou a consolidação de grupos de pesquisa voltados à investigação e orientação a respeito, enquanto novas instituições com produção nas temáticas parecem emergir.

Como vemos, também a maior parte dos trabalhos se originou de instituições públicas. Além disso, a produção da UFRGS preponderou – única instituição que teve trabalhos em todas as reuniões anuais –, o que pode ser explicado pela presença na universidade do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE), fundado por Guacira Lopes Louro, sua coordenadora entre os anos de 1990 e 2000 e, como sabemos, pesquisadora com grande inserção nos estudos de gênero.

É preciso lembrar aqui duas situações: a primeira delas é que no *corpus* deste trabalho incluímos tanto os textos em que o gênero apareceu como ferramenta principal como aqueles em que foi usado como ferramenta secundária, de forma que obteríamos uma visão mais precisa sobre a centralidade dos estudos de gênero em algumas instituições se fizéssemos essa discriminação, tarefa que fica para o futuro. A segunda situação refere-se ao fato de que as/os autoras/es, durante seu processo de formação em pesquisa – por meio da titulação, por exemplo –, às vezes migravam de instituição, significando que, de uma reunião para outra, o/a mesmo/a autor/a pode aparecer em instituições diferentes.

Financiamento e participação em grupos de pesquisa

No que se refere ao item financiamento, foi reforçada ainda mais a centralização da produção em algumas universidades; mas inicialmente vamos verificar a quantidade de trabalhos financiados para os anos em que essa informação está disponível nos textos, conforme mostra a Tabela 6. Considerando as várias modalidades de trabalhos, de um total de 108 textos durante as quatro reuniões realizadas de 2003 a 2006, 40 desses (37%) foram procedentes de pesquisas financiadas.

Tabela 6 - Trabalhos com temáticas relacionadas a gênero e/ou sexualidades: financiados e não financiados – 26ª a 29ª Reunião da ANPED (2003-2006)

Reunião	26ª	27ª	28ª	29ª
Total de trabalhos	13	28	36	31
Trabalhos financiados	5	12	13	10
(%)	38,5	42,8	36,1	32,2

Fonte: Dados coletados na página da ANPED (www.anped.org.br).

Elaboração das autoras.

Com base nesses dados, levantamos as instituições às quais as/os autores/as financiados pertenciam, atentando para sua localização e para o tipo (privada ou pública, federal ou estadual). Observamos que os textos resultantes de pesquisas financiadas estavam agrupados na região Sudeste do país, o que corresponde a 70% (28 trabalhos), seguido de 30% (12 trabalhos) na região Sul. Constatamos não haver indicação de financiamento nas regiões Centro-Oeste e Nordeste, onde o número de trabalhos é reduzido, totalizando 9 (4 na região Centro-Oeste e 5 na região Nordeste); verificamos, igualmente, não haver nenhuma produção tratando do assunto no período analisado proveniente da região Norte.

Na análise referente ao tipo de instituição, percebemos que em sua maioria eram de caráter público, ou seja, das 21 que encontramos, apenas 7 eram privadas. Também das 14 instituições públicas, 9 eram federais e 5 estaduais.

Para tentar verificar em que medida a produção encontrada, em especial aquela que obteve financiamento, fazia parte de um intento organizado de investigação sobre as temáticas objeto deste trabalho, rastreamos a participação de seus/suas autores/as em grupos de pesquisa, consultando o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq (quando o trabalho tinha coautoria, consideramos apenas o primeiro autor). Como se pode participar de vários grupos, priorizamos indicar o grupo no qual o/a pesquisador/a era líder, caso fosse líder de algum grupo, ou sua participação em um grupo diretamente ligado à investigação de gênero e/ou sexualidades (houve dois casos em que tivemos que usar o duplo critério). Quando necessário, observamos também a linha de pesquisa da qual participava o/a pesquisador/a, sempre que os grupos não expressavam em seus títulos ou ementa relação direta com as temáticas citadas.

Pelos resultados, percebemos fundamentalmente que grande número de pesquisadores/as que tiveram seu estudo financiado participou de um grupo diretamente envolvido na pesquisa sobre gênero e/ou sexualidades ou em linhas de pesquisa, dentro dos grupos, que tratavam dessas temáticas, sendo que somente seis nomes não foram encontrados na base de dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa. Da mesma forma, houve grupos que se repetiram por meio de seus representantes: três vezes apareceu o GEERGE; duas vezes apareceram os seguintes grupos: Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana (GEISH/UNICAMP), Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Sexualidades (GSEXs/UNESP), associado ao Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX/UNESP), Núcleo

de Diversidade Sexual na Educação (NUDISE/UNESP), associado ao Grupo Educação, Desenvolvimento Humano em Situação de Risco e Indicadores de Proteção, e Grupo de Estudo em Gênero, Sexualidade e Sexo na Educação (GSS/UFMG); por fim, quatro vezes apareceu o Grupo Processo de Trabalho Docente (por intermédio de sua linha de pesquisa “Trabalho docente e dinâmicas de classe social, gênero e etnia”).

Quanto à titulação, a maior parte foi titulada na área da educação, já sendo doutor/a à época da apresentação do trabalho, embora também houvesse graduados, especialistas e mestres (o que indica, provavelmente, que realizavam seu curso de pós-graduação *stricto sensu* na ocasião). Na época da pesquisa, algumas pessoas participavam de grupos não sediados em instituições onde estavam quando apresentaram seu trabalho. Isso pode ser em virtude de vários motivos: troca de instituição profissional ou ingresso inicial como docente universitário/a após o curso de pós-graduação *stricto sensu*; limitação de nossa coleta de dados, pois, quando um sujeito indicava seu pertencimento a mais de uma instituição, computávamos apenas a primeira delas.

Por fim, constatação interessante surgiu ao conferirmos os grupos que acolheram os trabalhos financiados. Na 26ª Reunião ainda não existia o GT23 (Gênero, Sexualidade e Educação). Nessa ocasião, houve 5 trabalhos financiados se expressando por meio do GT02 (História da Educação), do GT06 (Educação Popular) e do GT12 (Currículo) – os dois primeiros grupos já mencionados aqui como espaços de divulgação da elaboração sobre gênero. Mas foi registrada também a existência de uma migração dos/as autores/as para o GT23, quando da sua criação, bem como um aumento na quantidade de trabalhos. Esses aspectos também se confirmaram no caso do financiamento, como transpareceu no que tange a 2004, 2005 e 2006.

Concluimos, pois, que o GT23 não apenas atraiu pesquisadores/as da área, como atraiu quem tinha a qualidade de sua pesquisa também atestada por alguma instituição financiadora. Para se ter uma ideia, em 2004, dos 18 textos apresentados no grupo, 7 eram provenientes de pesquisas financiadas; os trabalhos financiados provenientes de outros grupos foram 5. Em 2005, o número alcançou a cifra de 9, para 21 trabalhos apresentados no GT23, enquanto os demais GTs contaram com 4 trabalhos financiados. Finalmente, em 2006, no GT23 tivemos 16 trabalhos apresentados para 7 que obtiveram financiamento; já nos demais grupos foram apenas 3 os trabalhos financiados.

CONCLUSÕES

Queremos, por fim, identificar sinteticamente os principais resultados alcançados e abordar algumas dificuldades da investigação, indicando possibilidades para a continuidade do estudo.

Em primeiro lugar, pelo exaustivo levantamento feito e consubstanciado em nosso banco de dados, muitos dos achados confirmaram tendências anteriormente citadas em outros estados da arte: a autoria predominantemente feminina; a

centralização da produção nas regiões Sudeste e Sul, mais intensamente em algumas instituições específicas dessas regiões; a maior quantidade de trabalhos identificada sob a palavra-chave “mulher”, com menor presença dos descritores “relações de gênero” ou “gênero” e “homem”.

Como aspectos não encontrados em nossas referências de base, podemos citar, primeiro, a busca pelos GTs nos quais foram gestadas as investigações; busca que conduziu à conclusão de que existem alguns grupos com forte intervenção na produção apresentada nas reuniões da ANPEd, o que vem fortalecendo e qualificando a referida produção. Segundo, podemos dizer igualmente que o financiamento das pesquisas apresentou-se de forma centralizada, maiormente nas mesmas regiões Sudeste e Sul de nosso país.

O primeiro desses achados assinalou a real importância que adquiriram os grupos de pesquisa, especialmente a partir da implementação do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq. Em divulgação destacada em sua página *web*,¹⁰ o organismo evidenciou dois aspectos interessantes para nossa investigação. A despeito da força das regiões Sul e Sudeste, as demais regiões vieram se desenvolvendo rapidamente, sendo as que mais cresceram no censo realizado pelo CNPq em 2008. Outro crescimento significativo foi o das mulheres pesquisadoras, pois, se em 1993 a cada 100 pesquisadores, apenas 39 eram mulheres, no censo de 2008 esse último número subiu para 49%, caindo, no entanto, para 45%, caso se observe a liderança dos grupos.

Em segundo lugar, quanto às dificuldades que encontramos, ficou bastante evidenciado que a coleta apresentou entraves em virtude do sistema de disponibilização de textos no *site* da ANPEd, ou da falta de uniformidade na apresentação desses no transcorrer do tempo, o que nos conduziu à constante reorganização dos procedimentos conforme o andamento da pesquisa. Por exemplo, para o período em que realizamos a pesquisa (com exceção da 29ª Reunião), no *site* não havia resumos, presentes apenas nos livros com a programação das reuniões – e assim mesmo de tamanhos diferenciados –, dificultando sua inserção em nosso banco de dados. As palavras-chave também apenas começaram a ser divulgadas na 29ª Reunião. Isso nos conduziu, de forma não totalmente satisfatória, a produzir nossos próprios resumos¹¹ e palavras-chave, tarefa que necessita ser aperfeiçoada futuramente.

Outro problema se originou da própria natureza da pesquisa, na medida em que implica o enquadramento de textos em categorias previamente estipuladas. Excluir ou reconhecer um texto como direcionado a relações de gênero depende daquilo que se entende por isso, segundo a filiação teórica que se tem. No transcorrer do tempo, tivemos de registrar alternativas à nossa visão inicial, bem como criar o artifício de enquadramento tanto de textos totalmente dirigidos a análises

10 <<http://www.cnpq.br/saladeimprensa/noticias/2009/0812c.htm>>.

11 A produção de resumos implica não apenas síntese, mas interpretação e seleção de temas mais adequados aos interesses de quem faz um resumo, de tal maneira que se corre o risco de alterar as intenções do/a autor/a do texto original (Ferreira, 2002).

de gênero, como outros que abordavam secundariamente esse tema/categoria. Um terceiro tipo de trabalho, por sua vez, estava voltado à história das mulheres sem ingressar propriamente na discussão de gênero, o que inicialmente nos causou dúvida sobre sua inserção.¹²

O impacto desse dilema sobre a investigação resultou no grande número de trabalhos recolhidos (157), o que impossibilitou, no período de tempo disponível para a sua realização, examinar certas características de interesse. Tal situação nos fez lembrar de Haraway, que expressa suas dificuldades ao ter de escrever um verbete sobre a palavra gênero para um dicionário marxista. Para ela, esse exercício constituiu-se numa verdadeira “desventura teórica”. De fato, a tentativa de uniformizar propostas teórico-metodológicas – e políticas – diversas não acontece sem um grande risco de passar por cima de conflitos e divergências de grande monta, de tal maneira que a autora afirma: “talvez eu apenas precisasse de uma lição concreta sobre quão problemático um verbete sobre uma palavra-chave deve ser” (Haraway, 2004, p. 208).

No que tange à continuidade da pesquisa, alguns elementos tornaram-se transparentes. De fato, pensamos que nossos achados nos conduziram, principalmente, à necessidade de redirecionar esforços para novas intervenções, tal como nos orientam as autoras e o autor a seguir:

As análises que produzem mapeamentos, “estados da arte” ou grandes quadros de caracterização de pesquisas num determinado território temático ou disciplina têm proliferado bastante em nosso país, nos últimos anos. Estratégia fecunda para ordenar e permitir distinções, agrupamentos e identificação de problemas, perspectivas ou questões. No entanto, esses modos de trabalho podem chegar a um esgotamento relativo, caso não se complementem por outros investimentos analíticos. (Souza; Sousa; Catani, 2008, p. 33)

Portanto, elas e ele propõem, na mesma página, que se avance no intuito de “sugerir indagações que ajudem na construção de novos modos de trabalho e na validação dos já existentes”.

Em nosso caso, pensamos que uma primeira iniciativa para a continuidade do trabalho seja investir num estudo qualitativo que se fixe nos trabalhos centrados no gênero como ferramenta principal de análise, aproveitando o mapeamento disponível em nosso banco de dados.¹³ As interações entre gênero, corpo e sexualidade devem

12 Aqui, novamente, orientou-nos Scott (1992, p. 65) no sentido de sermos inclusivas: “A emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise”.

13 Aliás, aqui podemos chamar a atenção sobre outra diferença que caracterizava os trabalhos do GT23 e dos demais grupos: para efeitos de nossa categorização, consideramos que todos os textos desse grupo faziam uso do gênero como ferramenta principal de análise, diferentemente do que acontecia nos demais, em que podem

ser abordadas quando indicadas. Igualmente seria importante separar os pôsteres dos trabalhos completos, pois aqueles muitas vezes expressam apenas resultados parciais de pesquisas ou não dão elementos suficientes para uma análise substantiva.

Do ponto de vista das metodologias utilizadas pelas pesquisas, seria adequado mapear seus procedimentos e os sujeitos estudados. Aliás, nos textos nem sempre os procedimentos estavam suficientemente explicitados.

Da mesma forma, os principais referenciais teóricos devem ser evidenciados, por exemplo: quais os referenciais de gênero presentes nos trabalhos que tratam da feminização da docência ou da docência como trabalho feminino?

Os temas das investigações, igualmente, merecem ser mais bem examinados, especialmente na tentativa de observar se há temáticas privilegiadas segundo momentos específicos da produção, e em quais grupos elas se manifestam. As especificidades do grupo Gênero, Sexualidade e Educação (GT23) também devem ser observadas. Notamos, por exemplo, no âmbito de nossa coleta, que nesse grupo fizeram-se presentes abordagens relativas ao cotidiano escolar e análises que tomam por objeto determinados artefatos culturais – como a televisão, o cinema, os jogos eletrônicos e a mídia impressa –, tanto no que se refere à produção do gênero quanto das sexualidades.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli; SIMÕES, Regina; CARVALHO, Janete; BRZEZINSKI, Iria. Estado da arte da formação de professores no Brasil. *Educação & Sociedade*, Campinas: CEDES, n. 68, p. 301-309, dez. 1999.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 64, p. 4-13, fev. 1988.

FERREIRA, Norma. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, Campinas: CEDES, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas: UNICAMP, n. 22, p. 201-246, jan./jun. 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo: FEUSP, v. 27, n. 1, p. 47-68, jan./jun. 2001.

estar arrolados tanto trabalhos desse tipo como aqueles que utilizaram gênero apenas como mais uma variável entre outras.

ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Mulheres na escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 80, p. 62-74, fev. 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

_____. História das mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.

SEFFNER, Fernando. Cruzamentos entre gênero e sexualidade na ótica da construção da(s) identidade(s) e da(s) diferença(s). In: SOARES, Guiomar; SILVA, Méri Rosane; RIBEIRO, Paula (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*. Rio Grande: FURG, 2006. p. 85-93.

SOUZA, Eliseu Clementino de; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara. A pesquisa autobiográfica e a invenção de si no Brasil. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador: UNEB, v. 17, n. 29, p. 31-42, jan./jun. 2008.

VIANNA, Cláudia. A produção acadêmica sobre organização docente: ação coletiva e relações de gênero. *Educação & Sociedade*, Campinas: CEDES, n. 77, p. 100-130, dez. 2001.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-82.

SOBRE AS AUTORAS

MÁRCIA ONDINA VIEIRA FERREIRA é doutora em sociologia pela Universidade de Salamanca (Espanha). Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

E-mail: marciaondina@uol.com.br

GEORGINA HELENA LIMA NUNES é doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

E-mail: geohelena@yahoo.com.br

MÁRCIA CRISTIANE VÖLZ KLUMB é mestranda em educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

E-mail: marciavolz@yahoo.com.br

*Recebido em setembro de 2011
Aprovado em fevereiro de 2012*